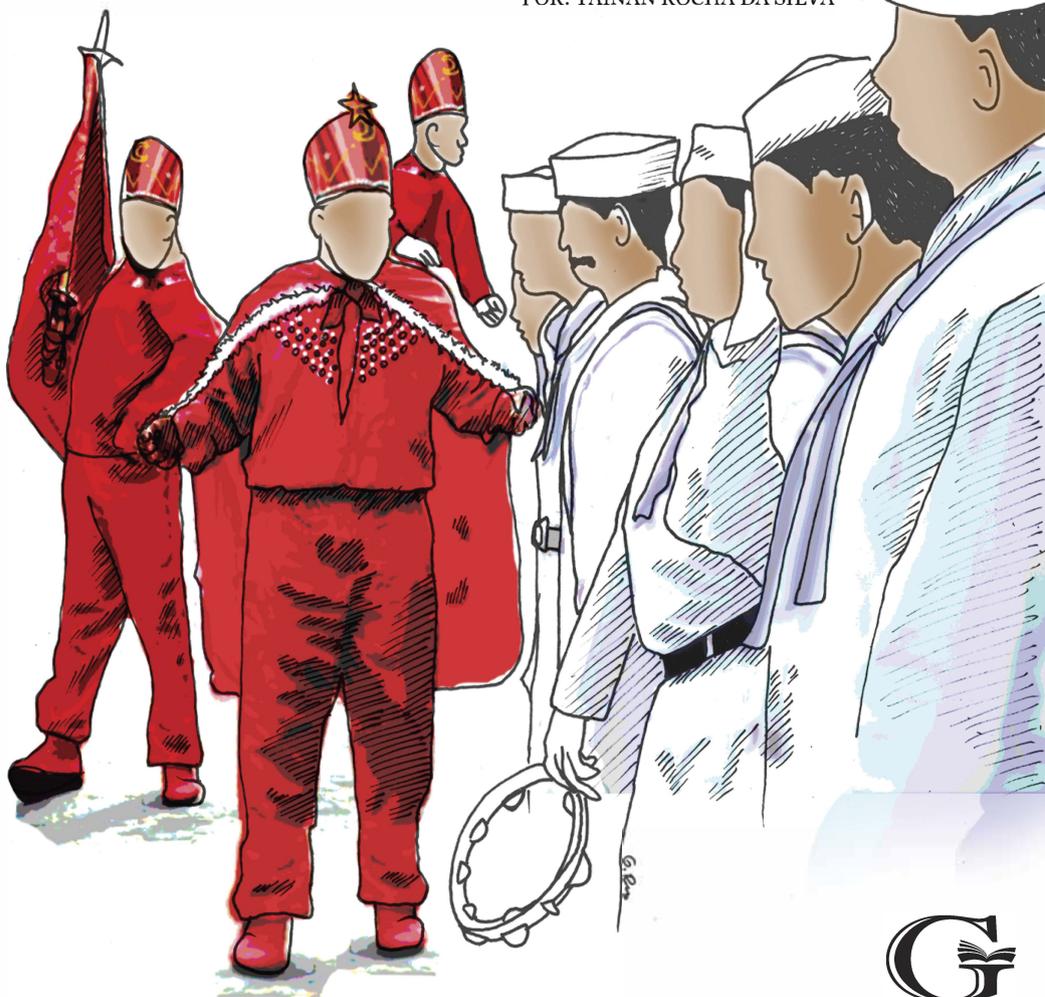




“Ô DA MARUJADA! ATRACA!”

ENTRE MEMÓRIAS E NARRATIVAS:
A CHEGANÇA DE MOUROS DE AREMBEPE

POR: TAINAN ROCHA DA SILVA



EDITORA GARCIA

APOIO FINANCEIRO



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



INFORMAÇÕES SOBRE A EDITORA GARCIA

Para saber mais sobre a EDITORA GARCIA, sobre como publicar e comercializar seu livro e outros assuntos, visite nosso site e curta nossas redes sociais.



EDITORA GARCIA



www.editoragarcia.com.br



facebook.com/editoragarcia



instagram.com/editoragarcia

Para adquirir outros títulos, visite nossa livraria online: www.livrariagarcia.com.br

EDITORA GARCIA

Avenida Barão do Rio Branco, Sala 801, Centro,
Juiz de Fora – MG – 36016-311 – Brasil
Telefones: (32) 3231 5728 – Whatsapp: (32) 991756250
E-mail: atendimento@editoragarcia.com.br

Tainan Rocha Da Silva

“Ô DA MARUJADA! ATRACA!”

Entre memórias e narrativas: a chegada de
Mouros de Arembepe

1ª edição



EDITORA GARCIA

“Ô DA MARUJADA! ATRACA!”
Entre memórias e narrativas:
a chegada de Mouros de Arembepe

© 2021 Tainan Rocha da Silva
Todos os direitos reservados

1ª Edição – Editora GARCIA
Brasil – Abril de 2021
ISBN 978-65-86566-58-9

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Silva, Tainan Rocha da

“Ô da marujada! Atraca! Entre memórias e narrativas:
a chegada de Mouros de Arembepe./Tainan Rocha da
Silva – 1ª ed. – Juiz de Fora, MG: Editora Garcia, 2021.

ISBN 978-65-86566-58-9

1. Cultura popular. 2. Cheganças. 3. Mouros de Arembepe.
I. Título.

CDD – 306

Editado por: Editora Garcia

Site: www.editoragarcia.com.br

E-mail: editorial@editoragarcia.com.br

Sumário

Apresentação.....	5
Patrimônio cultural material e imaterial.....	8
IPHAN E IPAC.....	15
Arembepe: a Vila de Pescadores e da Chegança.	17
Chegança de Mouros de Arembepe.....	19
Considerações finais.....	30
Os personagens que fazem a Chegança de Mouros de Arembepe.....	33
Atividades sugeridas.....	38
Referências.....	42

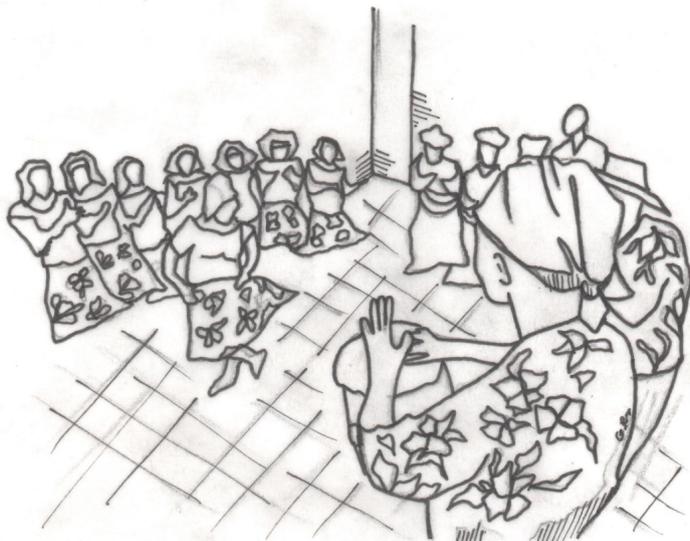
Apresentação

O que você entende sobre culturas populares? E tradição? Quais são suas percepções a respeito do patrimônio cultural?

Lanço essas perguntas com o objetivo de navegarmos sob as águas das culturas populares de nosso país, em especial, sobre as Cheganças, que são tradições culturais que envolvem homens e mulheres, a qual, nas apresentações simulam a navegação em alto-mar, cantam as aventuras dos marujos, encenam os conflitos dos marinheiros com outros povos, além de brincarem e dançarem durante o festejo. As cheganças são manifestações culturais que contam as histórias e constroem a memória e cultura do seu povo.

Para iniciarmos essa empreitada, é preciso compreender o significado de cultura popular. Ela diz muito sobre os grupos sociais e está presente nas músicas, na leitura e nas práticas do cotidiano. A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, nos mostra que é por meio dela que as pessoas expressam as “formas de criar, fazer e viver”. Nesse sentido, a cultura popular pode ser encarada por manifestações que tratam de costumes, tradições e práticas que pertencem a um coletivo. Por vezes, são manifestações artísticas, culturais e religiosas que se distanciam entre si e formam a identidade da população que a cultiva.

*“Ô da marujada! Atraca!
Entre memórias e narrativas: a chegança de Mouros de Arembepe*



Conforme é visto nas culturas populares, a tradição de Cheganças assume o papel de formar a identidade das pessoas que fazem e pertencem a Chegança. No Brasil, há o registro dessa manifestação cultural desde os tempos coloniais, o período em que os europeus no contato com os povos indígenas, africanos e afrodescendentes teceram em conjunto novas formas de viver e a religiosidade e a festividade tomaram novas proporções.

Em algumas regiões do país, as tradições parecidas com as cheganças levam outros nomes, tais como marujadas, mouramas, embaixadas e cavahadas. Cada uma, mesmo com as suas semelhanças, possuem características próprias que diz muito sobre o lugar e a história dos envolvidos.

No Estado da Bahia, há dezenas de manifestações culturais parecidas que se estendem desde o Recôncavo

Baiano até a região do Baixo Sul. Depois de enormes esforços desses grupos, em prol de reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado, em fevereiro de 2019, conseguiram alcançar esta conquista extremamente importante não apenas para os cheganceiros, mas também para toda a sociedade baiana.

Este livro trata-se da adaptação de minha monografia que foi desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso durante a graduação. Aqui, será visto sobre a tradição dessa manifestação cultural na região de Arembepe – que pertence ao município de Camaçari (Ba) -, assim, será possível conhecer a história da Chegança de Mouros de Arembepe e ter acesso às propostas de atividades que possam ser utilizadas em sala de aula por professores e estudantes da rede básica de ensino.

Esta obra é parte do projeto que tem apoio financeiro do Estado da Bahia por meio da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

É com muito carinho que eu te convido a se embarcar na Chegança de Mouros de Arembepe para conhecer a história. Ainda, será discutido sobre patrimônio cultural, culturas populares e cheganças. Imersos sob leveza e reflexão, nesse porto, você poderá se aproximar e se deliciar com os conhecimentos sobre as Cheganças e a importância do Patrimônio Cultural para a nossa sociedade.

Tainan Rocha da Silva

Patrimônio cultural material e imaterial

Para iniciar, é preciso entender os seguintes conceitos: patrimônio cultural material e patrimônio cultural imaterial.

Geralmente, o termo patrimônio cultural material ou tangível é associado aos edifícios, as construções, os objetos, as estruturas físicas que expressam algum tipo de importância histórica, artística e cultural para a sociedade. Quando se refere ao patrimônio cultural imaterial ou intangível trata-se das manifestações, os saberes e os fazeres das pessoas que mantêm viva uma tradição e uma cultura.

Atualmente, as pessoas que se dedicam a estudar sobre patrimônio cultural, sabem que essas divisões atuam de forma integrada, tanto que elas são nomeadas como dimensões. As dimensões material e imaterial do patrimônio, por exemplo, não seria possível pensar na importância patrimonial que a Igreja do Senhor do Bonfim, localizada na cidade de Salvador (BA), desempenha para o Estado, sem levar em consideração as práticas religiosas desenvolvidas na Igreja.



Desde o catolicismo, os ritos religiosos até as heranças de matrizes africanas, bem como, a prática da lavagem das escadarias da Igreja por baianas de acarajé durante a Festa do Senhor do Bonfim que, inclusive, no ano de 2013 foi reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade. Nesse sentido, é necessário compreender que o material e o imaterial atuam juntos, ainda que em alguns momentos, um sobreponha o outro.

Contudo, nem sempre eles caminharam lado a lado. No ano de 1937, o Decreto-lei de nº 25 era visto como patrimônio cultural “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”. De outra forma, privilegiava os bens materiais enquanto que os patrimônios culturais brasileiro, ficou conhecido, por muito tempo, como os bens de “pedra e cal”.

Em sua maioria, eram conjuntos arquitetônicos e ob-

*“Ô da marujada! Atraca!
Entre memórias e narrativas: a chegada de Mouros de Arembepe*

jetos considerados de importância histórico cultural para o Brasil, como por exemplo, a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, localizada na cidade de Salvador (BA), que foi reconhecida como Patrimônio Material Nacional em maio de 1938.



Esta Igreja foi erguida entre os séculos XVII e XVIII, é considerada como um exemplo da presença da arte barroca no Brasil. No século XIX, reformou o lado de dentro e a decoração foi substituída por altares neoclássicos. A Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, localiza-se no Centro Histórico de Salvador e, nos dias de hoje, também é reconhecida como Patrimônio da Humanidade, tal título significa que se trata de um local que tem extrema importância histórica e cultural para todo o mundo e a UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura – é a responsável por essa avaliação.

A partir desse período, as edificações, os objetos e os sítios de importância histórico-cultural para o país passaram a ser assegurados pelo Poder Público por meio das práticas

de tombamento e de preservação patrimonial. Naquela época, a compreensão ficou limitada ao que poderia ser palpável, manuseável e refletia a respeito da herança dos grandes eventos e personalidades históricas, por exemplo, os aspectos culturais que remetiam a datas oficiais, como o Dia da Independência, templos religiosos que marcavam a presença europeia no Brasil (as igrejas). Isso era uma ideia bastante vigente no imaginário brasileiro, em que desprezava a reflexão acerca da diversidade cultural, das tensões e dos conflitos que caracterizam a cultura no Brasil.

Na década de 1980, depois de muitos esforços de movimentos sociais e grupos civis organizados, por meio da Constituição Federal de 1988, o Artigo 216 ampliou a noção de patrimônio cultural percebendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Dessa maneira, “as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver”, bem como, o acarajé, o samba de roda, as cheganças; “as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;”. Além dos espaços urbanos e regiões de “valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico” passaram a ser julgado como patrimônio cultural brasileiro.

*“Ô da marujada! Atraca!
Entre memórias e narrativas: a chegada de Mouros de Arembepe*



Como consequência, se desencadeou práticas de incentivo à cultura em todo o país, gerando interesses das universidades e instituições de pesquisa para o mapeamento, documentação e análise das diferentes manifestações culturais do Brasil e, como bem recorda a pesquisadora Maria Cecília Londres Fonseca, concebeu “a multiplicação de órgãos estaduais e federais de cultura, que se empenham em construir, via patrimônio, a ‘identidade cultural’ das regiões em que estão situados”.

No município de Camaçari (BA), tem a legislação de nº 1.088 do ano de 2010 que trata das práticas de tombamento, em que alguns bens patrimoniais iniciaram o processo de reconhecimento como Patrimônio Material da cidade. Entre eles, pode-se destacar a Igreja do Divino Espírito Santo, localizada em Vila de Abrantes.



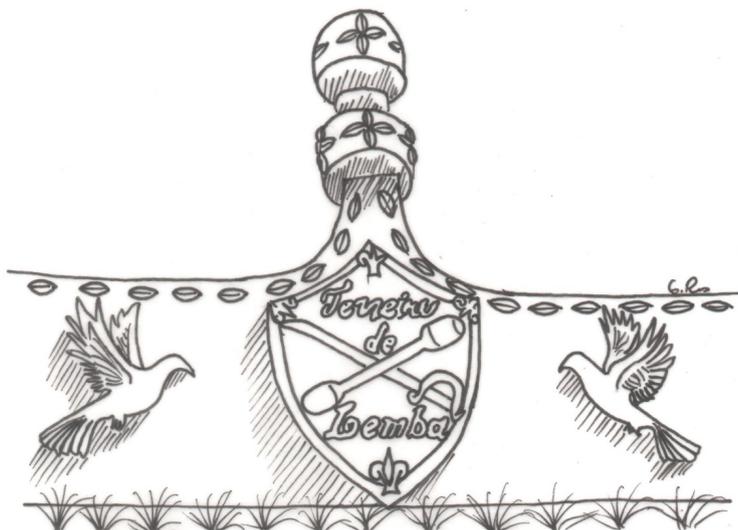
A história conta que a fundação da Igreja está associada com o povoamento da região de Vila de Abrantes, primeira vila do município de Camaçari, quando esta localidade pertencia a antiga aldeia do Espírito Santo de Ipitanga, ocupada por indígenas e jesuítas durante os séculos XVI e XVII.

O processo de tombamento desta Igreja ainda está em andamento, mas é importante saber sobre os bens patrimoniais que estão em busca de reconhecimento pelo Poder Público e como as legislações são essenciais para a preservação da Igreja, além de compreender a sua estrutura, para que dessa forma, valorize as práticas religiosas das pessoas que a frequenta e os seus fiéis e, assim, a comunidade escolar e toda sociedade entendam a importância da Igreja para a memória, a história e a identidade do município de Camaçari.

Hoje, no município, pode-se destacar o tombamento do Terreiro Unzó Tateto de Lembá como Patrimônio Cultural de Camaçari, que se deu no ano de 2016. Ele tem

*“Ô da marujada! Atraca!
Entre memórias e narrativas: a chegada de Mouros de Arembepe*

mais de três décadas de funcionamento, sem contar as atividades religiosas. E com as práticas educacionais desempenhadas pela Escola Zumbi dos Palmares oferece um papel importantíssimo ao município.



Além das contribuições diretas que o Terreiro Lembá desempenha na educação para o município, é preciso notar a contribuição primorosa da população afrodescendente na cultura e na religiosidade camaçariense. Portanto, é uma conquista do município e, também, dos povos que foram e, infelizmente, ainda são excluídos da sociedade por conta de sua cor e religião. Logo, este feito significa o reconhecimento da importância patrimonial, assim como a representação do símbolo de promoção ao respeito e combate a qualquer tipo de intolerância em nossa sociedade.

IPHAN E IPAC

E quais são os órgãos responsáveis pelas práticas de tombamento, registro e salvaguarda patrimonial no país e no Estado da Bahia?

O primeiro órgão trata-se do Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional (IPHAN), que realiza as práticas de preservação patrimonial no âmbito federal, enquanto o segundo, o Instituto Patrimonial Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), se encarrega das ações de preservação feitas pelo Estado.

O IPHAN foi criado no ano de 1937, por meio da Lei nº 378, na época denominado Serviço do Patrimônio Artístico e Nacional, com o objetivo de realizar os processos de tombamento, conservação, enriquecimento e conhecimento dos bens patrimoniais de todo o território brasileiro. O IPHAN teve o seu projeto elaborado por pessoas renomadas para o cenário cultural do Brasil, a título de destaque, o escritor Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Carlos Drummond e Manuel Bandeira.

Nos dias atuais, este órgão federal tem a responsabilidade de fiscalizar, preservar, restaurar e ceder todo o apoio aos bens culturais do Brasil, contando com a parceria de diversas instituições, entre elas, as ONG's e associações,

“Ô da marujada! Atraca!
Entre memórias e narrativas: a chegada de Mouros de Areembepe

em que todos os anos divulgam o “Relatório de Atividades do IPHAN”, que expõe todas as atividades voltadas a preservação patrimonial desenvolvidas pela instituição.

Quanto ao IPAC, é uma autarquia estadual, vinculada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Para colaborar nesse processo de salvaguarda patrimonial, atua de forma integrada com os poderes públicos municipal e federal de bens culturais materiais e imateriais.

O IPAC foi fundado no ano de 1967, pela Lei de Nº 2.464 e até os anos finais da década seguinte pertencia a Secretaria de Educação e Cultura do Estado Bahia. Em 1980, foi reconhecido como Instituto e passou a seguir a política federal do IPHAN, que já existia há quase vinte anos naquela época.

Em conjunto, o IPHAN e o IPAC são instituições importantes, não apenas para o reconhecimento de bens materiais e imateriais da cultura, mas também para as práticas de apoio a bens culturais, como edifícios, sítios arqueológicos, centros históricos, manifestações artísticas e culturais, fazeres e saberes que compõem a cultura do Estado da Bahia e de todo o território brasileiro.

Arembepe: a Vila de pescadores e da Chegança

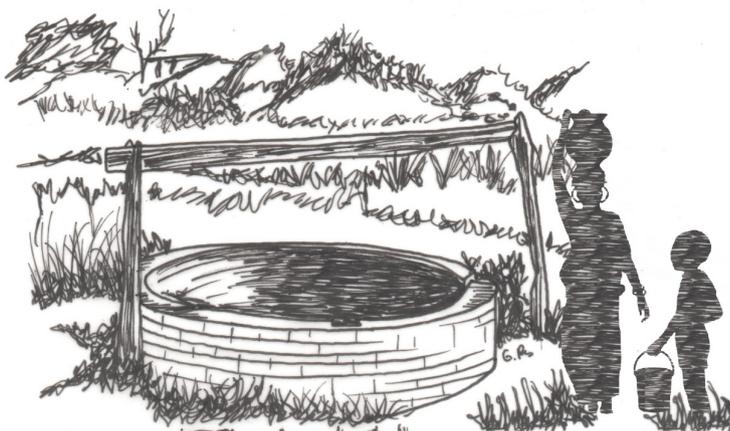
A região de Arembepe é localizada no município de Camaçari, fica a quase 40 km de distância da cidade de Salvador. É conhecida popularmente pelas suas praias e redutos naturais que atraem diversos visitantes do Estado da Bahia e de outros territórios do Brasil a fora.

As pessoas que habitam este local reconhecem a sua história como uma vila de pescadores, em que no passado, os homens e as mulheres tiraram das águas o principal sustento para as suas casas. Os homens geralmente se dedicavam à pesca enquanto que as mulheres, em sua maioria, eram marisqueiras ou exerciam atividades de ganho como lavadeiras.

Na década de 1960, Arembepe ganhou os cenários nacionais e internacionais com a eclosão do movimento hippie, assim, se formou a Aldeia Hippie que está até hoje na localidade agregando novos moradores e visitantes.

Até meados dos anos 1990, a região de Arembepe era carente de diversos serviços básicos, como o fornecimento de água potável. Antes disso, os moradores de Arembepe retratavam bastante sobre a importância do cacimbão para a comunidade, que fica no bairro da Caraúna, um lugar que as pessoas enchiam seus baldes com água e levavam em seus braços ou nas latas cheias d'água sob as suas cabeças.

“Ô da marujada! Atraca!
Entre memórias e narrativas: a chegada de Mouros de Arembepe



A Chegança de Mouros de Arembepe

É neste cenário em que as pessoas dali, com poucos recursos acessíveis, começaram a criar formas diferentes de lazer, tais como a Festa de São Francisco de Assis – que hoje é conhecida popularmente como a Lavagem de Arembepe -, o Futebol e a Chegança.

Sobre a tradição de cheganças em Arembepe, a maioria das informações são de registros orais, conversas de moradores e chegançeiros que cresceram ouvindo as histórias de seus antepassados sobre o seu surgimento.

Nos dias atuais, existem dois grupos de cheganças na localidade: a Chegança Feminina de Arembepe, formada apenas por mulheres e a Chegança de Mouros de Arembepe, composta por homens.

Uma das fundadoras da Chegança Feminina de Arembepe, é a Dona Bete, a atual mestra do movimento cultural feminino na região e junto com outras mulheres, no ano de 2002, elas decidiram manter a tradição dessa manifestação cultural.

No entanto, como o propósito deste livro é se aprofundar sobre o assunto da Chegança de Mouros de Arembepe, ainda não será abordado a respeito da embarcação

“Ô da marujada! Atraca!
Entre memórias e narrativas: a chegada de Mouros de Arembepe

das mulheres, sendo assim, esta história ficará para um outro momento de aprendizado.

Muito do que se sabe sobre a tradição de Cheganças em Arembepe, gira-se em torno de três pescadores: Seu Sinhô, Antônio Coroa e Seu Tomé. Estes homens eram moradores da região de Itapuã e quando migraram para o município, por volta dos anos 1930, se juntaram e formaram a Chegança.

As pessoas não sabem informar as motivações que levaram esses homens a trocarem de moradia, no máximo, o que se pode dizer é que nesse período, provavelmente, o atrativo pesqueiro da região de Arembepe deve ter influenciado os três rapazes a fincarem os seus passos nesta parte litorânea do Estado.

Nessa época, acredita-se que pessoas que residiam nas proximidades de Arembepe também frequentaram a Chegança de Mouros. Entre essas localidades, pode-se destacar alguns homens que moravam na Praia do Forte, que fica a 33 km de Arembepe e da Vila de Abrantes, que possui cerca de 11 km de distância de onde se fazia a Chegança de Mouros.

A tradição oral também nos indica que esses homens já faziam as cheganças e marujadas nos locais onde moravam ou ao menos conheciam alguns grupos de chegada que seus pais, avôs e amigos participaram em algum momento de suas vidas. E, em Arembepe, se juntavam com outros moradores dali e realizam a Chegança de Mouros.

É interessante notar como a oralidade é importante

para conhecer história da Chegança de Mouros de Arembepe. Mais que isso, a tradição oral é muito relevante para descobrir os relatos daquelas populações que não tiveram a escrita como o seu principal registro, entre elas, as populações indígenas e africanas.

Dado que o aprendizado, a troca de saberes se dá na cantoria, no ouvir, no fazer e no observar. É dessa maneira que se aprende a jogar capoeira, fazer acarajé e brincar no samba de roda. São as lembranças e as histórias que os mais antigos contam que ficam guardadas na memória por toda vida como conhecimento.

Agora, você deve estar se perguntando: “- por quê Chegança de Mouros?”

Esse tipo de manifestação tem como principal enredo a dramatização do conflito histórico entre os mouros e os cristãos, que ocorreu no século XV na Europa e significou a expansão do cristianismo, a reconquista da Península Ibérica pelos cristãos e, como consequência, a formação de Portugal e Espanha.

O termo mouro, durante muito tempo, foi utilizado para representar os povos que habitaram a Península Ibérica nos séculos VIII ao XV, entre eles, africanos de religião muçulmana que, aos olhos dos cristãos, eram pagãos por terem a forma de expressar a religiosidade diferente das suas. Entretanto, ao fazerem esse apontamento, julgaram a crença alheia e desprezaram as diversidades culturais que são vistas nos diferentes povos de todo o mundo ao longo da história.

Embora a tradição de cheganças de mouros remeta a um conflito histórico entre religiões, em contrapartida, es-

*“Ô da marujada! Atraca!
Entre memórias e narrativas: a chegada de Mouros de Arembepe*

tes movimentos culturais acolhem pessoas que expressam formas diversas de religiosidade. Em Arembepe, conforme um dos cheganceiros informou numa das entrevistas para a pesquisa, a chegada é uma manifestação cultural bastante democrática, pois não se importa com as diferenças que concernem à raça, classe e religiosidade.

Contudo, infelizmente, no Brasil são vistos diversos casos de intolerância religiosa, desde palavras ofensivas até a destruição de templos, dessa forma, promove a exclusão ao diferente.

Por esse motivo, é importante conhecer as histórias de diferentes culturas e compreender que a vida é feita de diversidades e é necessário conviver com as diferenças e, assim, propagar o respeito ao próximo.

Como espaço de diversidade, a tradição de cheganças de mouros e outras manifestações culturais, tais como cavalhadas, embaixadas, mouramas e lutas entre mouros e cristãos, retratam esse acontecimento histórico, mas sob nuances diferentes, pois cada grupo cultural tem uma versão para contar, que está relacionada com as pessoas que praticam essa manifestação e o lugar que ocorreu.

Nesse sentido, qual a versão contada pela Chegança de Mouros de Arembepe?

Como as Cheganças são tradições que simulam uma embarcação, a história que é contada na manifestação cultural se trata das aventuras dos marujos, os perrengues, as dificuldades em alto-mar e os conflitos com outros povos. No caso da Chegança de Mouros de Arembepe, esta narra-

tiva percorre três atos: piloto, guarda marinha e mouros.

A primeira parte da apresentação conta a história de um marujo bêbado, o piloto da embarcação, que causou um acidente, pois fez o navio atracar na costa. Naquele tempo, os que estavam na embarcação avistaram uma tempestade e começaram a reclamar com o piloto e a fazer preces para sair daquela tormenta.

Calafatinhos cantam

*Capitão patrão, olha que tormento
Lá vem uma nuvem, que traz muito vento,
já vem uma nuvem que traz muito vento
[...]*

Capitão canta

*Senhor piloto, tu és um beberrão
É a causa da derrota, dessa embarcação (bis)
[...]*

Capitão canta

*Puríssima virgem, dos anjos rainha
Nesse mar de angústia, sete estrelas guia (bis)*

“Ô da marujada! Atraca!
Entre memórias e narrativas: a chegada de Mouros de Arembepe



Depois dessa simulação do acidente, no lugar que atracaram, começa a parte em que o piloto se encontra com o padre capelão e pede ajuda aos santos para que retornem à viagem, seguindo a apresentação com falas e a romaria.

Passada essa parte, segue o ato do Guarda-Marinha que, aproveitando da situação difícil em que se encontravam na embarcação, rouba os tecidos e os demais objetos que restaram ali. No entanto, o ato é descoberto e a mando do comandante ele é preso e penalizado, bem como pode-se observar na representação abaixo.



A última parte da apresentação retrata o conflito com os mouros e em uma das cantigas destaca a passagem em que o mouro e o general se enfrentam, trocando dizeres, declarando guerra um ao outro e exclamando a sobrepujança de uma fé sobre a outra.

Mouro

Mestre general como derrotei toda tua gente

Agora se quiseres escapar com a vida

Há de fazer um partido comigo

De ir a Turquia adorar a má fama

[...]

*“Ô da marujada! Atraca!
Entre memórias e narrativas: a chegada de Mouros de Arembepe*

General

*Bárbaro mouro não queira que tal coisa faça
Deixar de adorar um Deus verdadeiro
Para ir à Turquia adorar um Deus ídolo
Feito por mão de homem*



Na figura acima, o mouro é o que está com a coroa e um manto bem luxuoso. Ele, por até então, ter derrotado os cristãos, ofereceu um acordo ao general: irem à Turquia e se converterem a fé dos mouros. Como resposta, o general recusou e reafirmou a sua religião diante dos oponentes.

Dessa maneira, é possível observar que a religiosida-

de é um dos elementos que estrutura a Chegança de Mouros e pode-se identificar isso desde a presença da figura do padre capelão, na parte da romaria, o conflito entre os mouros e cristãos e, principalmente, pelos santos católicos que são reverenciados pelas cheganças.

Em toda parte do Brasil, as Cheganças homenageiam algum santo católico. Em Jacobina, por exemplo, a historiadora Carmélia Aparecida Miranda, mostra que a Marujada desta região homenageia São Benedito e Santo Antônio, já na cidade de Pão de Açúcar, no Estado do Alagoas, a chegança de lá faz referência a Bom Jesus dos Navegantes e, no caso da Chegança de Mouros de Areembepe, eles honram o São Francisco de Assis.

São Francisco de Assis é conhecido pela caridade entre os pobres e na região de Camaçari há muitos devotos deste santo católico. Em Areembepe, por exemplo, ele é considerado o padroeiro da região, assim como o patrono das cheganças que tem ali.

Ainda, é interessante notar que muitas pessoas identificam no santo como o protetor daqueles que trabalham no mar, tanto que, conforme eles dizem, a primeira capela erigida em Areembepe foi feita pelas mãos de pescadores em homenagem a São Francisco.

Outra figura católica que também é recorrentemente lembrada nas canções da Chegança de Mouros é a Virgem Santa Maria ou a Virgem Nossa Senhora, como também é chamada. Geralmente, uma das canções corresponde ao momento de abertura da apresentação da Chegança de Mouros, em que um oficial “puxa a cantoria” e os marujos respondem:

*“Ô da marujada! Atraca!
Entre memórias e narrativas: a chegada de Mouros de Arembepe*

Nós entramos como majestade (bis)

Nesta casa tão delicada (bis)

Tão delicada (bis)

Nós entramos como bons pastores

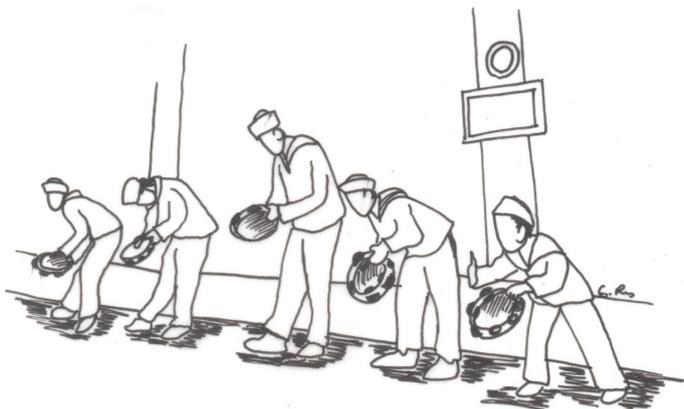
No jardim das lindas flores

Nós entramos ao romper do dia

Louvando a Virgem Santa Maria

Nós entramos ao romper da aurora

Louvando a Virgem Nossa Senhora



Esta parte é o momento que os cheganceiros reverenciam a Santa, em forma de agradecimento e respeito e expressam os sentimentos que se estendem ao espaço que estão fazendo a chegada.

Portanto, a tradição de Chegança de Mouros de Arembepe é feita por homens simples, inicialmente, por pescador-

res e de geração em geração, vão passando os saberes para os mais novos. Alguns iniciam a jornada no movimento como marujos e com o passar do tempo vão alcançando outras posições, como oficiais, já outros, se dedicam ao papel de mouros. Visto que cada membro da chegança exerce uma função e quando mudam de posições, é necessário que aprendam pela observação, escuta e ação.

Dessa forma, estas pessoas se mantêm vivas até os dias atuais na tradição de cheganças em Arembepe e em todo o Estado. Recentemente, incluiu a participação de mulheres e há muito tempo, já foi feito por pessoas de todas as idades – desde crianças com seus três anos de idade à idosos(as) nos auges dos oitenta e poucos anos.

Considerações finais

Neste espaço será lançado mais algumas reflexões e também deixarei os meus agradecimentos a aqueles que tornaram tal trabalho possível.

O propósito deste livro é deixar um convite para refletirmos não apenas sobre a Chegança de Mouros de Arembepe, mas também a respeito dos patrimônios culturais de nosso país. Espero ter conseguido despertar ainda mais o interesse daqueles que gostam da cultura brasileira, tão diversa e, em alguns momentos, conflituosa.

Vimos que as cheganças no Brasil é uma tradição bastante antiga e, em Arembepe, há registros desde os anos de 1930. Inicialmente, os homens faziam a chegança e depois, as mulheres começaram a entrar na tradição.

Nesta obra, não tive o objetivo de falar das mulheres que fazem a Chegança em Arembepe por dois motivos: 1) a pesquisa que se tratou o meu trabalho de conclusão de curso na Universidade ficou restrita a tradição dos homens, por conta das limitações que a pesquisa acadêmica na área de História nos submetete; 2) ainda há muito para conhecer sobre a presença feminina na tradição de cheganças e aqui não seria possível tratar sobre a imensidão dessa manifestação feita por mulheres.

Também, foi possível aprender que as pessoas que fazem a Chegança de Mouros são homens e mulheres de origem humilde e bem simples e que se encontram na manifestação cultural o ambiente do lazer e do compromisso. Além da lealdade pelo próximo, pelo grupo e pela sua fé. Ao mesmo tempo em que dançam, cantam e brincam nas ruas, praças e palcos, passam no território a fora contando, cantando e encantando a todos com suas histórias.

As cheganças de mouros ao tratarem sobre o conflito histórico entre cristãos e não cristãos, revelam algo importante para o cenário cultural brasileiro: a capacidade de resguardar nas práticas culturais a memória de costumes bem antigos, que atravessam séculos na história. E expressam como as pessoas conseguem, por meio do saber e fazer, manter tradições culturais e adaptá-las a própria realidade, dessa forma, constroem outras narrativas.

Sendo assim, deixo como sugestão e reflexão a pesquisa e procura por manifestações culturais parecidas em nosso país. Além disso, indico que procure conhecer as suas histórias, o que as pessoas que as praticam sabem, não apenas do surgimento, mas também dos sujeitos que ainda fazem as danças, as cantorias e as apresentações.

Logo após esta parte do livro, tem um momento sobre alguns personagens que fazem a Chegança de Mouros. Além disso, há uma cruzadinha como entretenimento do que estudamos até aqui, com o objetivo de refrescar e revisar este material quando for possível.

Para os(as) queridos(as) colegas professores, dediquei uma parte às propostas de atividades que possam ser utili-

“Ô da marujada! Atraca!
Entre memórias e narrativas: a chegada de Mouros de Arembepe

zadas em sala de aula. Como já mencionado, são proposições, pois fica a critério de cada colega a aplicação e as adaptações necessárias.

Como tenho dito, esta obra buscou tratar de alguns aspectos que foram identificados no estudo para a Universidade e, por meio de aprovação em edital, conseguiu subsídios para sua concretização. Por esse motivo, estendo os meus agradecimentos aos apoiadores financeiros desse projeto: o Governos Federal e Estadual que pela Secretaria de Cultura do Estado e Fundação Pedro Calmon, via Lei Aldir Blanc, tornaram possíveis a realização deste livro digital.

Não posso deixar de registrar o meu carinho imenso à professora Dr.^a Neivalda Freitas de Oliveira pela orientação do meu trabalho monográfico e pelo apoio que vem concedendo mesmo após a minha passagem na universidade. Aos meus amigos, minha eterna gratidão, especialmente, a Fernanda Viana pela consultoria e apoio direto neste projeto. Ao meu namorado, Lucas Alves, pelas leituras atentas e conversas enriquecedoras. Ao querido colega, Gabriel Reis, pelo trabalho belíssimo feito com as ilustrações deste livro. Aos grupos de cheganças da região de Arembepe, por permitirem e auxiliarem no processo de pesquisa. A minha família, em especial, meus pais, Marcos da Silva e Ana Lucia Rocha, pelo apoio, pelas conversas e trocas de experiências e a minha querida irmã, Tauane Silva, pelo carinho e apreço comigo. Para concluir esta parte do trabalho, agradeço a Deus, às águas e aos seres protetores de minha jornada. Asé!

Os personagens que fazem a Chegança de Mouros de Arembepe

Os personagens que fazem a Chegança de Mouros de Arembepe

Mestre: considerado o líder da manifestação cultural, posição de extrema responsabilidade, pois não só organiza o grupo, como também traduz muito sobre a imagem de exemplo a ser seguido pelos demais.

Contramestre: tão importante quanto o mestre, pois o auxilia durante o processo de coordenação do grupo.

Padre capelão: personagem que representa a figura de padre na Chegança e faz parte das narrativas que são vistas durante a manifestação cultural.

Oficiais: o capitão, o artilheiro, o general e demais personagens que compõem a fileira de oficiais, como se fosse as forças armadas do Brasil.

Marujos: são os que ficam na corrente da embarcação, vestidos de roupa branca e azul, além de tocarem pandeiros, diferentemente dos oficiais que não seguram nenhum tipo de instrumento musical.

Calafatinhos: são como as crianças da chegança fi-

cam conhecidas.

Mouros: neste grupo há o rei mouro, o imperador, o secretário de mouro e muitos outros, que estão vestidos com roupa vermelha, alguns com estrelas ou lua em suas vestes. Geralmente, não tocam nenhum tipo de instrumento, pois aparecem no ato da chegada simulando o conflito entre os mouros e os cristãos.



“Ô da marujada! Atraca!
Entre memórias e narrativas: a chegada de Mouros de Areembepe

1 – Esta categoria de patrimônio diz a respeito das manifestações artístico-culturais, aos saberes e fazeres presentes na cultura.ⁱ

2 – Ato da Chegança de Mouros em que relata o roubo de tecidos por parte de um dos membros da tripulação.

3 – Nome que as cheganças também ficaram conhecidas por todo o Brasil.

4 – São as figuras católicas reverenciadas pelos cheganceiros em suas apresentações e cada grupo de chegada homenageia um(a) em específico de acordo com o lugar que se faz a chegada.

5 – É feito por mulheres que se vestem de baianas, conhecido como uma das comidas que pertencem a culinária baiana. Além disso, o seu fazer é reconhecido como patrimônio.

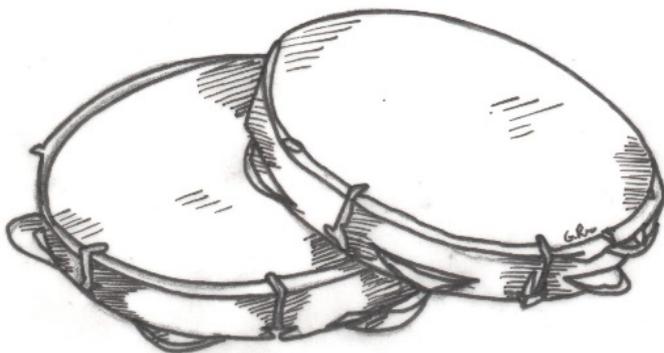
6 – Trabalhadores que tiram o seu principal sustento no mar, sendo que Areembepe foi povoada por muitos deles.

7 – A chegada foi reconhecida enquanto _____ cultural no ano de 2019, o fazer do acarajé também é discernido, assim como a Festa do Senhor do Bonfim por instituições que valorizam a cultura do país e, também, constroem a identidade cultural do Brasil.

8 – Estes ficam com os pandeiros, tocam e cantam, compondo a corrente da Chegança.

9 – Geralmente, as crianças da Chegança são chamadas por esse nome.

10 – Ação que cabe as autarquias estaduais e federais para o tombamento e registro de bens culturais do Brasil.



Atividades sugeridas

Recado para o(a) professor(a)

Nesta seção você terá acesso a atividades que podem ser realizadas em sala de aula. Caso tenha necessidade, poderá imprimir a página e adaptá-la a sua realidade.

Atividades

Público-alvo: estudantes do ensino-fundamental II

1 Apresentação/Seminário: Patrimônios Culturais Material e Imaterial

Tempo: 3 horas/aula

2 Roda de conversa: Manifestações culturais e Cheganças como Patrimônio Cultural

Tempo: 2 horas/aula

1 Apresentação/Seminário

Tema: Patrimônios Culturais Material e Imaterial

Objetivo: Promover o contato dos estudantes com diferentes manifestações artísticas, culturais e bens materiais culturais que ainda não foram reconhecidos pelo poder pú-

blico como patrimônio cultural, por meio da pesquisa e do estudo de patrimônios culturais próximos de sua realidade.

Sequência Didática

Aula 01

- Dividir a turma em equipes, tendo em média cada uma 4 a 5 alunos(as);

- Solicitar que os alunos pesquisem sobre as manifestações culturais, artísticas e bens móveis culturais que ainda não foram reconhecidos como patrimônio cultural da cidade ou do Estado;

- Orientar que levem na próxima aula o que encontraram para que possa ser definida a temática de cada equipe;

Aula 02

- Com o material coletado pelos(as) alunos(as), distribuir as temáticas entre os grupos;

- Indicar a forma de apresentação do tema de cada equipe, desde que cada grupo de estudantes trate da história e da importância que a manifestação artística-cultural ou bem móvel representa para a sociedade.

Sugestão: uso de cartaz, slide, fotografias. Obs.: a critério do(a) professor(a)

Aula 03

- Apresentação e avaliação da atividade;

Avaliação

A principal estratégia de avaliação trata-se do cumprimento do exercício, feito isso, o(a) professor(a) pode estabelecer os próprios critérios desde que considere a criatividade, a pesquisa e o trabalho em equipe como elementos principais de sua avaliação.

2 Roda de conversa

Tema: Manifestações culturais e Cheganças como Patrimônio Cultural

Objetivo: Proporcionar que identifiquem as manifestações artísticas e culturais próximos da sua realidade e, dessa forma, promover a compreensão da importância que as artes e a cultura exercem para a sociedade.

Sequência didática

Aula 01

- Solicitar aos alunos que pesquisem sobre os grupos de cheganças e outras manifestações culturais, por exemplo, hip hop, funk, capoeira, bumba-meu-boi;

- Orientar que cada aluno(a) identifique na pesquisa as diferenças entre as manifestações culturais e as pessoas que as praticam;

- Indicar que levem o material coletado à próxima aula;

Aula 02

- Organizar a sala em semicírculo;
- Feita a leitura do livro ou o capítulo que foi escolhido pelo(a) professor(a), iniciar a roda de conversa e refletir acerca da importância das manifestações culturais brasileiras para a sociedade, compreendendo a partir da discussão de identidade, pertencimento e patrimônio cultural.
- Avaliação da atividade

Avaliação

A principal estratégia de avaliação trata-se do cumprimento do exercício, feito isso, o(a) professor(a) pode estabelecer os próprios critérios desde que considere a criatividade e a pesquisa como elementos principais de sua avaliação.

Referências

BAHIA, Lei nº 2.464. Dispõe sobre a organização da Secretaria da Educação e Cultura e dá outras providências. 1967.

BRASIL, Constituição Federal. Art. 216 Título VIII Da Ordem Social, Capítulo III Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção II Da Cultura.1988.

BRASIL, Decreto-lei nº 25. Capítulo I Do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 1937.

BRASIL, Lei nº 378. Seção III Dos serviços relativos à educação. Art. 46. 1937.

CAMAÇARI, Lei nº 1.088. Institui os procedimentos de tombamento e registro para a proteção ao patrimônio histórico e cultural do município.2010.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural.** In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mario (orgs.) Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro, DP&A, 2003. pp.56-76.

MACEDO, José Rivair. Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no velho e no novo mundo. **Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre | BUCEMA**, n. Hors-série nº2, 2008.

MIRANDA, Carmélia Aparecida da Silva. **Um olhar sobre a festa da Marujada em Jacobina**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade do Estado da Bahia. São Paulo, Salvador, 1999.

SILVA, Tainan Rocha da. **“Oh da marujada! Atra-
ca!”** Entre memórias e narrativas: a Chegança de Mouros de Arembepe (1985-1995). Monografia (Licenciatura em História) – Universidade do Estado da Bahia. Bahia, Salvador, 2020.

i **Cruzadinha - Respostas**

01. Imaterial; 02. Guarda-marinha; 03. Marujada; 04. Santos; 05. Acarajé; 06. Pescadores; 07. Patrimônio; 8. Marujos; 9. Calafatinhos; 10. Salvaguarda;

INFORMAÇÕES SOBRE A EDITORA GARCIA

Para saber mais sobre a EDITORA GARCIA, sobre como publicar e comercializar seu livro e outros assuntos, visite nosso site e curta nossas redes sociais.



EDITORA GARCIA



www.editoragarcia.com.br



facebook.com/editoragarcia



instagram.com/editoragarcia

Para adquirir outros títulos, visite nossa livraria online: www.livrariagarcia.com.br

EDITORA GARCIA

Avenida Barão do Rio Branco, Sala 801, Centro,
Juiz de Fora – MG – 36016-311 – Brasil
Telefones: (32) 3231 5728 – Whatsapp: (32) 991756250
E-mail: atendimento@editoragarcia.com.br